



Bertrand Guay/AFP



Christophe Delattre/AFP



Franck Fife/AFP



Organização destacou dançarinos com próteses, em cadeiras de rodas ou próteses após um espetáculo no céu com as cores da bandeira francesa. Delegação brasileira com 280 atletas animou os espectadores

VICTOR PARRINI

Mil e oitenta e nove dias depois do encerramento esvaziado na edição de Tóquio-2020, devido à pandemia de covid-19, os Jogos Paralímpicos foram devolvidos ao povo com uma cerimônia de abertura na rua. Ou melhor, no coração de Paris, com desfile das delegações entre a charmosa avenida Champs-Élysées e a histórica Place La Concorde, berço da Revolução Francesa. A história sangrenta da praça foi substituída pela alegria e pelo calor humano no desfile dos mais de 4 mil atletas envolvidos na versão mais inovadora do megaevento, organizado desde Roma-1960.

Assim como na inauguração dos Jogos Olímpicos, o início da Paralimpíada também foi decretado pela primeira vez fora de um estádio. Para isso, foram necessários 3 mil metros quadrados de palco, 60 dias de ensaios, estrutura para receber mais de 50 mil espectadores e profissionais credenciados, além de 168 delegações, com 5.100 personagens, entre atletas e apoio.

O tema da abertura da primeira Paralimpíada em Paris — a cidade recebeu edições de 1900, 1924 e 2024 da Olimpíada — foi Paradoxo, da Discórdia à Concorde. O objetivo das apresentações era passar uma mensagem duradoura, direcionar todos os holofotes aos atletas de uma forma inédita e fazer refletir sobre o lugar das pessoas com deficiência na sociedade.

O Paradoxo ao qual o diretor artístico Thomas Jolly se referiu nas exhibições foi sobre uma sociedade que se afirma como inclusiva, mas continua repleta de preconceitos com pessoas com deficiência, que representam 15% da população mundial, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Responsável pela coreografia, o sueco Alexander Ekman retratou dois grupos que se mudam da Discord para a Concorde, usando a criatividade da dança e do esporte para diminuir a distância entre eles, redescobrimo-se e trabalhando juntos para uma comunidade mais inclusiva e pacífica. A apresentação contou com 140 bailarinos, 16 com deficiência.

Presidente da França, Emmanuel Macron acredita que a versão 2024 da Paralimpíada deixará um legado. "Todos os eventos paralímpicos serão realizados na encruzilhada da tradição e da modernidade, nos locais mais icônicos da França, proporcionando aos atletas paralímpicos locais que estão no mesmo nível das realizações pessoais. A cerimônia de abertura é mais do que apenas um espetáculo, é também um símbolo. Ela representa a intenção de Paris-2024 de fazer com que os Jogos Paralímpicos entrem em um novo capítulo de uma mesma aventura olímpica, a da inclusão e de superar os próprios limites. A competição também será tão dura e desafiadora quanto o que vimos no mês passado", ressaltou.

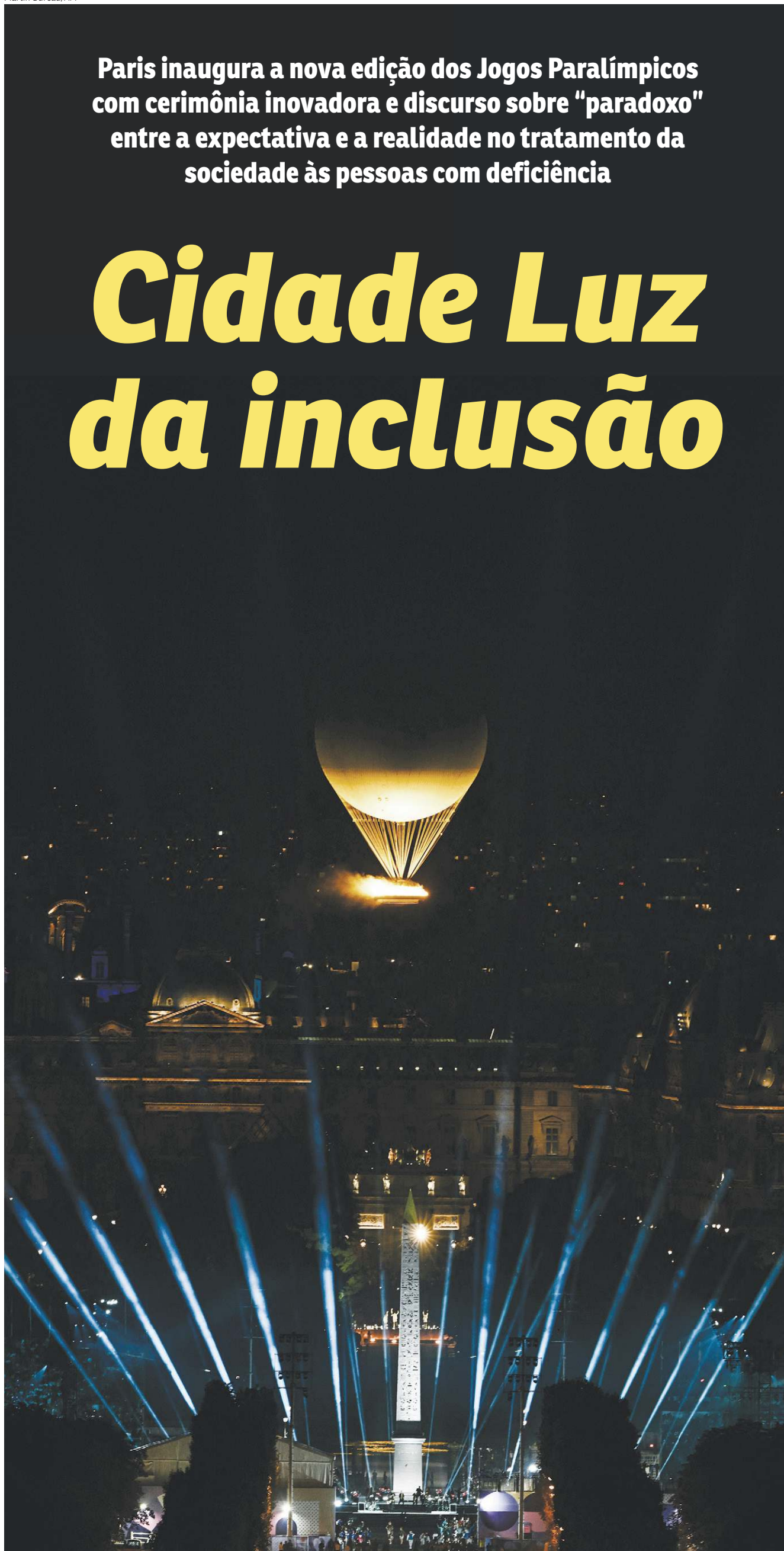
"Esforço e coragem fazem dos atletas paralímpicos fontes de inspiração para a sociedade inclusiva que desejamos construir. Esses Jogos, que celebrarão todos os talentos da humanidade, são um hino a um mundo mais inclusivo, em linha com nossos valores franceses de universalidade e audácia. Que os Jogos comecem!", completou Macron.

Antes de acender a pira no Jardim das Tulherias, a tocha passou nas mãos de 12 campeões paralímpicos, seis homens e seis mulheres. Os responsáveis por acendê-la foram três homens e duas mulheres: Charles-Antoine Kouakou, Nantenin Keita, Fabien Lamirault, Alexis Hanquingant e Elodie Lorandi.

"Ao realizar este evento na Place de La Concorde e Champs-Élysées, sinto que Paris está calorosamente abraçando o Movimento Paralímpico no coração desta cidade e no núcleo deste país. A apresentação desta noite foi o começo perfeito para o que serão os Jogos Paralímpicos mais espetaculares da história", transmitiu Andrew Parsons, presidente Comitê Paralímpico Internacional (IPC).

O Brasil foi a 21ª delegação a desfilar. Os porta-bandeiras da delegação de 280 atletas, a maior verde-amarela para uma

Martin Bureau/AFP



disputa fora do país e a segunda mais robusta dos Jogos, atrás somente da China (282), foram Gabrielzinho, três vezes medalhista olímpico da categoria S2 natação (limitações físico-motoras), e Beth Gomes, recordista mundial do lançamento de disco. A turma brasileira foi uma das mais animadas, com danças e muita descontração.

A missão do Brasil é fechar os Jogos pela primeira vez entre os cinco principais países do quadro de medalhas. A expectativa do Comitê (CPB) é quebrar os recordes de 72 medalhas e 22 ouros e a sétima colocação, obtidos em Tóquio.

Hoje, o país pode conquistar 14 medalhas. A maior chance vem da natação, com

12 atletas em ação, incluindo Gabrielzinho, nos 100m costas. Carol Santiago (categoria S12, para baixa visão), dona de cinco medalhas em Tóquio-2020, entrará na piscina para os 100m borboleta. O ciclista Carlos Alberto Soares e a gaúcha do taekwondo, Maria Eduardar Stumpf, podem brindar o país com pódios.

Paris inaugura a nova edição dos Jogos Paralímpicos com cerimônia inovadora e discurso sobre "paradoxo" entre a expectativa e a realidade no tratamento da sociedade às pessoas com deficiência

Cidade Luz da inclusão

Danilo Borges/Brasil2016



Luciano Rezende, do tiro com arco, é uma das esperanças de medalha para o Brasil

Hoje é dia de Brasília

ARTHUR RIBEIRO*

O primeiro dia de competições nos Jogos Paralímpicos de Paris reserva emoções para Brasília. O Quadrado entra em ação no megaevento com oito atletas em diferentes disputas, como as do golbol feminino e masculino, do tênis de mesa, do tiro com arco e do badminton.

Para abrir os trabalhos dos atletas da capital federal no evento mais importante dos últimos três anos, primeiro as damas. Moradora do Paranoá, Jéssica Vitorino jogada pela Seleção Brasileira no duelo contra a Turquia, às 5h30 (de Brasília), pela primeira rodada da fase de grupos do golbol feminino. Ela tem o apoio de outras duas brasilienses: Ana Gabriely e Kátia Aparecida.

Às 8h, será a vez de Carla Maia estreitar em Jogos Paralímpicos na dobradinha com a mineira Marliane Santos no duelo contra as chinesas as Juan Xue e Jing Liu. "Conto com a torcida de todo o DF por mim e os companheiros do Brasil. Estamos aqui representando todos vocês. Saibam que estamos dando duro para ir bem, não é só um dia de dedicação, são anos", destacou Carla, ao **Correio**.

Maranhense radicado no Distrito Federal, Luciano Rezende está otimista para atualizar a melhor campanha do Brasil no tiro com arco, olímpico e paralímpico. Aos 46 anos, inicia hoje, às 8h, na rodada de classificação, a saga para resultado além do quarto lugar dos Jogos do Rio-2016. "A torcida de Brasília e de Balsas é muito importante, ainda mais por estarmos distantes, em outro continente. É o evento esportivo paralímpico mais importante do mundo. É fundamental essa energia para nos ajudar a ter um resultado excelente, ainda mais por representar todos os brasileiros", pede.

No golbol masculino, o técnico Jônatas Castro tem à disposição dois brasilienses: Leomon Moreno e André Dantas. A dupla da Seleção Brasileira inicia a jornada em Paris contra os franceses, às 12h30. O Brasil defende o título paralímpico. "A medalha dourada era um sonho. Isso nos dá confiança, mas Paris será uma nova história e estamos prontos para escrevê-la. O golbol é coletivo, esse título só é construído com o esforço de todos", destaca Leomon, considerado o melhor do mundo na modalidade.

Criada em Samambaia, Daniele Souza fechará os trabalhos do DF no primeiro dia de Paralimpíada. A partir das 18h40, encara a tailandesa Sujirat Pookkham pela fase de grupos do badminton.

*Estagiário sob a supervisão de Victor Parrini